PREFÁCIO DE JUCA KFOURI

 Se este “Dossiê Herzog: Prisão, tortura e morte no Brasil” fosse escrito em francês seria aclamado como o “J’Accuse” do Século 20.

 Com a diferença de que o autor, Fernando Pacheco Jordão (1937-2017), trata de torturadores e assassinos, os do jornalista Vladimir Herzog (1937-1975), morto nos porões da ditadura brasileira.

 E a de que o capitão do exército francês, Alfred Dreyfus, também de origem judaica como Herzog, injustamente acusado de traição e em cuja defesa Émile Zola escreveu J’Accuse, em 1898, teve a graça de ser absolvido ainda em vida.

 A 7ª edição do libelo de Jordão não poderia ser mais oportuna neste momento em que o Brasil foi tomado de assalto por adoradores dos tempos mais sombrios de nossa história e que resultaram no martírio de Herzog.

 Conhecer a história para não repeti-la é outra das missões cumpridas exemplarmente por Jordão, amigo íntimo, quase irmão do Vlado.

 Embora tivesse um milhão de motivos para ter ódio dos matadores, Jordão consegue distanciamento para fazer obra inigualável, não só para denunciar um a um dos culpados pelo assassinato como, também, para enaltecer os que a todo risco não se intimidaram diante da tragédia.

 Clarice Herzog, a viúva, a mãe de Ivo e André, então duas crianças com menos de dez anos, é a heroína que emerge como exemplo de altivez e busca de Justiça.

Assim como os jovens advogados Marco Antônio Barbosa e Samuel Mac Dowell, que conseguiram condenar o Estado, graças, também, à coragem de outro jovem, o juiz Márcio Moraes.

 O cardeal de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, o rabino Henry Sobel, o reverendo James Wright, o presidente do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, Audálio Dantas, têm suas participações devidamente registradas nos papéis gigantescos que desempenharam para erguer e indignar a sociedade e começar a derrubar a ditadura.

 Também dos melhores jornalistas de sua geração, Audálio Dantas emerge como brado de resistência e serenidade ao conduzir a categoria e fazer dela trincheira indignada contra a barbárie instalada pelo arbítrio.

 Não se trata de leitura suave. Muito ao contrário.

 A travessia é árdua, doída, revoltante e comovente.

 A dor inimaginável de dona Zora, a mãe de Vlado, a covardia e mentirada dos algozes, os relatos de torturados, que bom seria se Jordão tivesse escrito uma peça de ficção — como, às vezes, até parece, pela crueldade animal de muitas passagens desumanas.

 Jordão, vai muito além, brilhante jornalista, de ter escrito a obra-prima sobre o caso.

Jordão foi testemunha e um dos protagonistas do que relatou fruto de extenuante esforço. Porque era diretor do Sindicato dos Jornalistas paulistas e conselheiro de Audálio Dantas.

Quem o viu atuar, sensato, equilibrado, sem bravatas, só pôde admirá-lo por tais qualidades e, ao mesmo tempo, pela firmeza, por recuar apenas quando para permitir avançar em seguida, uma aula de perseverança e hombridade.

 Esta 7ª edição, iniciativa de Fátima Jordão, viúva do autor, trazida à luz pelo Instituto Vladimir Herzog, é resultado do talento do historiador e jornalista Mauro Malin, e traz pela primeira vez a lista dos 1.006 jornalistas que assinaram o documento “Em nome da verdade”, redigido por Jordão, e pioneiro como declaração pública de repúdio a atos da ditadura.

 Malin não só corrigiu nomes cujas grafias saíram incorretas no anúncio, pago pelos signatários e publicado no jornal “O Estado de S.Paulo, como descobriu dois nomes que acabaram por não constar do anúncio.

 Curioso, e lamentável, constatar que alguns poucos dos assinantes hoje apoiam o representante das trevas que ocupou o Palácio do Planalto a partir de 2018, fã confesso da tortura que vitimou Herzog.

 “Dossiê Herzog: Prisão, tortura e morte no Brasil” é, repita-se, dura leitura, porém absolutamente necessária para reafirmar que o sacrifício de Herzog não foi em vão, marco da redemocratização do Brasil.

 Marco da redemocratização e inspiração para a criação do Instituto Vladimir Herzog, legado da obstinação de um punhado de democratas brasileiros cujas histórias estão nesta epopéia para serem lembrados eternamente.